

Presidente procura idéias para mudar imagem

Amigos e políticos estão dando conselhos para tentar frear a queda de popularidade do governo revelada por pesquisas

Luís Costa Pinto

• BRASÍLIA. O presidente Fernando Henrique Cardoso está preocupado com a rejeição a ele e a seu governo que começa a surgir nas pesquisas. Para reverter os números desfavoráveis, intensificou as conversas com políticos, amigos e ex-assessores. O próprio presidente diagnostica, para os interlocutores, três motivos para a queda de popularidade. O primeiro é a semelhança e as comparações que se estabeleceram na imprensa entre seu governo e o do ex-presidente José Sarney, na medida em que precisa negociar com ruralistas, mineiros e outras bancadas de interesse para dar curso à votação das reformas constitucionais no Congresso. O segundo, o fato de poucos ministros procurarem a imprensa para falar de novidades e dar boas notícias. Aparecem pedindo mais dinheiro ou reclamando de algo. Por fim, acha que seu governo perdeu a iniciativa de propor idéias e mudanças e passou apenas a responder aos fatos.

Levantamento do Datafolha divulgado no domingo mostra que em São Paulo apenas 25% dos entrevistados acham bom o seu desempenho. Pesquisa do Vox Populi, divulgada no mesmo dia, demonstra que a população das oito principais capitais do país acha o Governo medíocre. Avaliando com notas de zero a 10 o desempenho, deram a média de apenas 3,3. Há uma semana, O GLOBO informou que a MCI Consultoria, contratada pelo PSDB para monitorar a aceitação popular do Governo, já vinha detectando queda da popularidade de FH junto à classe média. A última pesquisa da MCI demonstra que a avaliação "ótimo e bom" feita por três mil entrevistados em todo o país caiu de 43% para 40%.

Na sexta-feira, Fernando Henrique resolveu reagir contra o primeiro dos males que considera

perniciosos para o Governo. Soltou extensa e ambígua nota oficial querendo dizer que não submeterá projetos considerados importantes, como as reformas constitucionais, a barganhas políticas. Antes de divulgar a nota, telefonou para o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). Leu-lhe a nota e fez um comentário lacônico:

— Se o preço for sempre esse, de parecer que isto aqui é um balcão de negociações, prefiro perder as votações no Congresso.

Luís Eduardo aconselhou-o a não permitir mais que ministros marquem audiências no Planalto com bancadas de interesse em dias de votações importantes.

— Eles atravessam a rua, vão ao Palácio, criam a imagem de pressão e destroem nossos argumentos aqui no Parlamento — lamentou Luís Eduardo.

Governador deu idéias para nova política de comunicação

Em pelo menos três conversas com o governador do Ceará, Tasso Jereissati, o presidente debateu nova estratégia de comunicação para seu governo. Tasso criticou ministros como Adib Jatene, cuja única bandeira tem sido aprovar a CPMF, criando assim mais um imposto e carimbando-o como financiamento à saúde, e Nelson Jobim, porque não conseguiu reagir às críticas do exterior quando ocorreu o massacre de Eldorado de Carajás. Depois destas conversas, o presidente mandou o porta-voz Sérgio Amaral elaborar uma nova política de comunicação e mandou os ministros darem entrevistas falando de ações nas suas áreas.

Tasso e Luís Eduardo, além do secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, e do chefe de gabinete do Ministério da Justiça, José Gregori, têm sido os interlocutores mais freqüentes do presidente nessas avaliações e reelaborações. ■

Ailton de Freitas



FERNANDO HENRIQUE: preocupação com os baixos índices de aceitação